

Almíscar, Calambaque e Azougue no Comércio Macau-Japão e no Comércio da Ásia Oriental (cerca de 1555-1640)

RODERICH PTAK*



INTRODUÇÃO

É facto desde há muito conhecido e frequentemente mencionado na literatura que, no século XVI e princípios do século XVII, as relações comerciais entre Macau e o Japão se baseavam essencialmente na troca de seda e prata. Macau exportava seda chinesa para o Japão e por seu lado recebia prata japonesa, que os mercadores portugueses utilizavam para, em Cantão, comprarem mais seda e outras mercadorias.¹ Na realidade, além da seda e da prata, só outras duas coisas desempenhavam um papel de relevo: o ouro e o cobre. Na literatura encontram-se muitas informações também a este respeito.² Menos conhecido, pelo contrário, é o comércio com “mercadorias raras” que, em pequenas quantidades, iam de Macau para o Japão. O objectivo deste artigo é, pois, focar as exportações de Macau para o Japão de três coisas de relativa “insignificância” e ao mesmo tempo integrá-las no contexto geral das correntes comerciais marítimas inter-asiáticas. Trata-se dos seguintes produtos: almíscar, calambaque/pau-de-águila e azougue, portanto, de produtos de origem animal, vegetal e mineral.

É óbvio, e não se deve deixar de mencionar que, no século XVI e princípios do século XVII, os portugueses de Macau não eram os únicos fornecedores de produtos chineses para o Japão e muitas vezes nem sequer constituíam o grupo mais importante de

negociantes estrangeiros. Muito pelo contrário, o Japão estava ligado, através de uma série de outros grupos de negociantes e até pelos seus próprios negociantes, ao sistema comercial internacional asiático e, muito especialmente, ao mercado chinês. Por conseguinte, em primeiro lugar, uma lista sumária daqueles contactos comerciais que ligavam o Japão com a costa chinesa e com a restante Ásia marítima:

(a) Barcos japoneses, possuidores de licenças, navegaram até 1635 para a Indochina, Sião, Filipinas e para outros lugares do Sudeste da Ásia, de onde, entre outras coisas, traziam mercadorias chinesas.

(b) A partir dos portos chineses e dos portos do Sudeste Asiático, os chineses comerciavam com o Japão, se bem que a maior parte das ligações se fizessem através da província de Fujian; durante muitos anos estes contactos com o Japão foram considerados ilegais, por parte dos chineses.

(c) Os mercadores, que viviam nas ilhas Riukiu, mantinham uma rede comercial própria que ligava entre si o Japão, a Coreia e a China com diversos pontos do Sudeste da Ásia.

(d) Contrabandistas e piratas, nas fontes chinesas designados por *Wokou* e muitas vezes, mas na maior parte dos casos falsamente igualados aos japoneses, negociavam igualmente entre o Japão, a China e outros lugares.

(e) De vez em quando, os barcos espanhóis partiam das Filipinas para o Japão e transportavam também mercadoria chinesa.

(f) Por vezes, barcos de países do Sudeste Asiático traziam especialmente do Sião mercadoria para o Japão, devendo-se observar, que muitos destes transportes eram comandados por chineses e uma parte da tripulação também era chinesa.

(g) A partir dos começos do século XVII, os holandeses começaram a circular no Japão e, entre 1609 e 1623, os ingleses também mantiveram lá, temporariamente, uma pequena feitoria; ambos

*Sinólogo; Professor da Universidade de Munique. Licenciado em Economia (Universidade Guelph, Canadá) e em Sinologia. Professor Associado de Sinologia na Universidade de Heidelberg (1983-1990). Professor de Língua e Cultura Chinesa na Universidade de Mainz. Vasta obra publicada sobre Literatura Chinesa, o comércio marítimo Ming e a expansão marítima Portuguesa.

Sinologist. Professor at the University of Munich. MA in Economy (University Guelph, Canada) and in Sinology. Associate Professor of Sinology at the University of Heidelberg (1983-1990). Professor of Chinese Language and Culture at the University of Mainz. Has published extensively about Chinese literature, the Ming maritime trade and the Portuguese maritime expansion.

N. do A. - Manuscrito preparado em 1991, com algumas alterações em 1996.

ENCONTRO DE CULTURAS / Rotas Comerciais

ofereciam principalmente mercadorias chinesas e do Sudeste Asiático.

É evidente que através desta vasta rede de relações comerciais, o Japão recebia em parte os mesmos produtos que os portugueses de Macau forneciam. Como veremos a seguir, o almíscar, o calambaque/pau-de-águila e o azougue não constituíam nenhuma excepção. Portanto, para se avaliar o significado dos fornecimentos portugueses, no contexto geral do comércio sino-japonês e do Sudeste Asiático, tem de se examinar simultaneamente as fontes europeias e asiáticas disponíveis relativas às remessas de mercadorias de outros grupos de negociantes, que circulavam paralelamente. Naturalmente é mais fácil de dizer do que fazer, pois – teoricamente – em cada fonte histórica podem estar escondidas referências respeitantes a produtos específicos e também ao curso tomado pelas mercadorias. Por vezes, a descoberta de tais referências é devida a um mero acaso, visto que só poucos índices nas obras primárias e nas secundárias citam separadamente os produtos. As descrições aqui representadas são, por conseguinte, um fragmento – baseado exclusivamente sobre fontes publicadas – que, assim espero, possa vir a ser completo no decorrer do tempo com pormenores adicionais; só assim se poderia completar finalmente o quadro.

ALMÍSCAR

Durante a época Ming e também já anteriormente, o almíscar era um perfume muito estimado. Nas fontes Ming é claramente designado como *shexiang* [麝香], porém, este termo era por vezes confundido com outras duas designações – *shexiang mu* [麝香木] e *wa'naqi* [膻脐] – que correspondiam a outras substâncias.³ *Shexiang* [麝香] é um produto animal. A este respeito lê-se:⁴

“É a secreção duma bolsa que possuem, entre o umbigo e as partes genitais, os machos dos chamados *moschos* (*Moscas moschiferos*, L.), conhecidos vulgarmente por *almiscareiros* ou *cabras almiscaradas*. Enquanto fresco, o almíscar é um líquido de consistência semelhante ao mel, vermelho escuro, de cheiro característico, extremamente forte...”

Textos portugueses mais antigos e outros textos europeus contêm uma série de descrições semelhantes, mas nem sempre correctas em todos os pormenores,

referentes à extracção e uso do almíscar.⁵ Tomé Pires também não possuía conhecimentos muito precisos:⁶

“...ho almjzqr he dalymarias como cabras esfolam as E a carne pisada com o samgue fazem Do coiro hos bisalhõs a que chamamos papos e esta he a Vrdade Do almjzqr he nom Da postemas E se os olhardos bem mujtos acharas ajmda com os osos.”

Ralph Fitch apresenta uma descrição semelhante nos seus relatos de viagem, que se referem ao período de 1583-1591:⁷

“The muske commeth out of Tartarie, and is made after this order, by report of the marchants which bring it to Pegu to sell; in Tartarie there is a litle beast like unto a yong roe, which they take in snares, and beat him to death with the blood: after that they cut out the bones, and beat the flesh with the blood very small, and fill the skin with it: and thereof commeth the muske.”

De facto, tal como Fitch menciona, extraía-se o almíscar nas zonas periféricas da China sobretudo na parte montanhosa ocidental e meridional. Mesmo das serras do Laos vinha esta substância tão procurada. Daí, da China meridional e das zonas fronteiriças do Tibete era transportada para o actual Vietname, para o Sião, Camboja e Ava (Birmânia). Uma parte substancial saía provavelmente de Ava para o importante centro comercial de Pegu (também na Birmânia) e daí entrava na rede comercial marítima. Nas fontes históricas encontram-se numerosas informações a este respeito.⁸

Igualmente importantes, senão ainda mais importantes, eram os transportes de almíscar no interior da própria China para os portos chineses de Fujian e Guangdong, de onde o almíscar era igualmente transportado, por barco, para os países da Ásia oriental e su-sueste. Já na época anterior aos portugueses, a China exportava, assim, pequenas quantidades de almíscar para Java, Ceilão ou Malaca. Nos princípios do século XVI aumentam então as notícias alusivas às exportações do almíscar chinês.⁹ O facto desta substância ser frequentemente mencionada nas antigas fontes portuguesas permite-nos, pois, concluir, que o almíscar era um dos mais importantes produtos da exportação chinesa.

Das obras de Pires e Barbosa deduz-se que o almíscar era distribuído através dos grandes empórios asiáticos por toda a Ásia. Malaca desempenhava naturalmente um papel central. Daqui e de Pegu o almíscar chegava, por exemplo, através da rede

comercial dos Gujaratis, até Cambaia e seguia para Adem e Ormuz.¹⁰ De quando em quando, chegavam carregamentos de almíscar, a bordo de barcos portugueses, também à costa de Malabar, de onde, de vez em quando, seguiam pequenas quantidades para Lisboa.¹¹

Entre os vários mercadores, que traziam almíscar para Malaca, encontram-se os das ilhas Riukiu.¹² Provavelmente eram estes comerciantes que, juntamente com os chineses, transportavam, por vezes, o almíscar do litoral chinês para o Japão, onde, tal como na China, era utilizado para fins medicinais e como ingrediente para diversas essências.¹³

Os portugueses que, possivelmente, já nos princípios de 1540, visitavam o Japão regularmente, devem ter logo participado neste negócio. Porém, as informações são inicialmente escassas. Em várias passagens da sua *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto relata, por exemplo, que os seus compatriotas teriam adquirido almíscar na China. Além disso, faz alusão a que havia muito almíscar próximo de “Xamoy”, portanto, Amoy, ou antes Xiamen [厦門], de onde partiam numerosos contactos comerciais para o Japão, e que os próprios mercadores chineses exportavam almíscar.¹⁴ Estas informações referem-se à época anterior à fundação de Macau (1555-1557). Pouco depois (1569), Gaspar da Cruz menciona que a seda e o almíscar constituíam os produtos comerciais mais importantes que os portugueses compravam na China. Mas também nesta obra falta uma referência explícita referente aos transportes portugueses desta substância para o Japão, bem como nas obras de C. Frederick (1563), Martín de Rada (1575) e outros, que se limitam a repetir que há muito almíscar na China.¹⁵

A indicação mais antiga que encontrei alusiva a tais transportes está na já citada obra de Ralph Fitch, onde se diz:¹⁶

“When the Portuguese go from Macao in China to Japan, they carry much white silk, golde, muske, and porcelanes: and they bring from thence nothing but silver...”

Uma outra referência encontra-se no relato de Luís Fróis (ano 1585).¹⁷ É estranho que em ambas as fontes só se designem quatro coisas pelo nome, como mercadorias de transporte de Macau para o Japão, e entre elas precisamente o almíscar, do que se depreende que este produto terá sido um componente essencial dos transportes totais. Pelo final do século, Carletti

(1598/99) menciona também uma “grande quantidade de almíscar” e indica ao mesmo tempo um preço: na China ele pagara 12 taéis por um cate [斤] de almíscar.¹⁸

De uma relação de mercadorias, que é muitas vezes citada, escrita por volta de 1600, deparámos com informações ligeiramente diferentes: Diz-se que nesse ano somente 2 picos de almíscar (ca. de 200 cates [斤]) teriam sido enviados de Macau para o Japão. Esta quantidade comparada às quantidades de outras mercadorias da mesma lista (pelo menos 100 picos de cada) parece, de facto, insignificante. O preço indicado para Cantão, 8 reais por cate [斤] (cerca de 6,4 taéis [兩] por 0,01 pico, ou seja, 640 taéis [兩] por 1 pico) condiz melhor com os números mencionados por Carletti. Segundo esta relação, o preço do almíscar no Japão variava, conforme a qualidade da mercadoria fornecida, entre 14 e 16 reais por cate [斤].¹⁹ Os lucros atingiam, portanto, os 100 por cento. Ao todo, os portugueses pagavam à volta de 1.280 taéis pelo almíscar na China, e no Japão recebiam 2.400 taéis. Aliás, com excepção do ouro, o almíscar em relação ao seu peso era uma das mais caras mercadorias de exportação. Comparado às receitas totais e apesar da quantidade mínima, o almíscar ocupava o nono lugar nas exportações de Macau para o Japão. Considerando as alusões anteriores, talvez nos surpreenda a relativa insignificância da quantidade, esta, contudo, parece ser confirmada por informações semelhantes: assim, por exemplo, Chang T’ien-tsé refere-se a uma fonte, para mim inacessível, segundo a qual os portugueses compraram cerca de 800 libras de almíscar (5 a 6 picos).²⁰ A citada relação de mercadorias, à volta de 1600, relata que anualmente iam cerca de 6 a 7 picos de almíscar de Macau para a Índia.²¹

Durante as quatro décadas seguintes, o almíscar é citado em muitas outras fontes como produto de exportação chinesa ou como produto de importação japonesa e nomeadamente agora também relacionado com as actividades comerciais dos ingleses e holandeses. O diário de Richard Cocks contém várias referências, que nos levam a concluir que chegavam constantemente pequenas quantidades de almíscar ao Japão e que então aí eram negociadas.²² O almíscar destinado ao mercado japonês era provavelmente adquirido pelos holandeses por várias vias: directamente das embarcações chinesas, que assaltavam, sobretudo durante os anos de 1620; através dos portos do litoral do Vietname, em especial de Faifo, e, finalmente, de outro lugares do Sudeste da



Por volta de 1634 o almíscar aparece mencionado numa lista de presentes ao *shogun* japonês. (Biombo namban do século XVII.)

Ásia. Aliás, através da Companhia Holandesa das Índias Orientais (VOC) o almíscar chegava simultaneamente à Índia e à Europa.²³ Além dos ingleses e dos holandeses, é claro que os próprios japoneses também compravam almíscar, sobretudo, mas com algum grau de incerteza, na Indochina, onde, como se sabe, viviam muitos comerciantes japoneses, que aí cultivaram intensas relações comerciais com os naturais e com os negociantes chineses.²⁴

Durante o século XVII, já se encontram mais informações alusivas aos portugueses. Por volta de 1634 o almíscar aparece mencionado numa lista de presentes ao *shogun* japonês.²⁵ António Bocarro relata no ano seguinte que o âmbar e o almíscar trouxeram ao imperador chinês um lucro de 1.035.000 taéis. É certo que fontes chinesas não confirmam tal, porém, nos cálculos de Bocarro, estes produtos constituíam, de qualquer modo, depois da prata, pérolas e pedras preciosas, a riqueza mais importante da corte chinesa.²⁶

Pelos vistos nesta época, o almíscar existia em tal abundância na China meridional que, sem dúvida,

pertencia às “ninharias”, que os portugueses de Macau enviaram em 1636 para o Japão. Uma lista de mercadorias importadas pelo Japão em 1636 diz que os portugueses enviaram, para lá, 472 cates [斤]. O valor era de 20.719 taéis. No ano seguinte, o almíscar é novamente mencionado numa relação de mercadorias como produto de exportação de Macau: nesse ano enviara-se para o Japão 600 cates [斤] (cerca de 5 a 6 picos) num valor total de 14.138 taéis – portanto, 23 taéis por cate [斤].²⁷ Se é que os câmbios acima indicados são exactos, isso implicaria uma nítida subida de preço e de quantidade em relação ao período de 1600.

Num relatório d’Avalo de 1638, o almíscar também aparece em Macau como mercadoria comercial.²⁸ Surgem mais referências datadas logo após a ruptura das relações entre Macau e o Japão.²⁹ Em 1642 o jesuíta Cardim alude à possibilidade de se poder importar almíscar da China.³⁰ Ainda antes da interrupção temporária do comércio Macau-Manila, que se realizou após ter sido posto termo ao comércio Japão-Macau. Ou seja, por esta altura passavam-se



também clandestinamente pequenas quantidades de almíscar de Macau para as Filipinas. Provavelmente os espanhóis recebiam muitas vezes almíscar de Macau, assim, pelo menos, o diz Diego de Bobadilla à volta de 1640.³¹

Os ingleses continuavam a comprar naturalmente almíscar da China, enquanto que os holandeses só de vez em quando.³² Mas depois de 1623, os ingleses deixaram de fornecer o mercado japonês, para passarem a abastecer os próprios centros comerciais situados a Ocidente da China. Os holandeses, que entretanto se tinham estabelecido na Formosa e estavam em comunicação sobretudo com os portos de Fujian, ao que parece, não participavam grandemente no comércio do almíscar no Japão. Pouco depois, como os barcos japoneses já não podiam viajar para o estrangeiro e tanto os portugueses como os holandeses deixaram de existir como parceiros comerciais do Japão, é possível que o Japão agora recebesse a maior parte das importações de almíscar através dos comerciantes chineses de Fujian e de Zhejiang. Estes mercadores teriam importado para Nagasaki 86 cates [斤] de

almíscar em 1641 e 269 cates [斤] em 1642. As quantidades registadas variam grandemente entre 1645 e 1648.³³

Evidentemente é muito difícil de verificar se as quantidades dos anos de 1640, fornecidas pelos chineses, eram superiores às quantidades que os portugueses já tinham enviado. Depois de 1640 começou a prosperar o tráfico dos juncos chineses para o Japão; é possível, pois, que os transportes chineses de almíscar para o Japão aumentassem. Por outro lado, há que considerar que a maior parte dos juncos chineses vinham de, ou iam via Fujian, para Nagasaki, embora, possivelmente, fosse mais fácil adquirir almíscar no mercado de Cantão do que no mercado de Fujian. Só num estudo muito pormenorizado da história destas regiões poderia, pois, esclarecer este facto, o que nos transportaria à época posterior a 1640.

CALAMBAQUE E PAU-DE-ÁGUILA

Um outro produto, que encontramos no comércio português da Ásia e que é completamente

ENCONTRO DE CULTURAS / Rotas Comerciais

diferente, é o lenho aromático calambaque. Nas fontes chinesas, este produto é geralmente designado *qi'nan* [奇南], *ji'a'nan* [伽(加)南] ou *ji'alan* [伽(加)兰]. Todas estas expressões estão em conexão fonética com a expressão malaia *kelembak*. Uma outra designação chinesa, *chenxiang* [沈香], cuja equivalente vietnamita é *tram huong*, geralmente diz respeito a uma qualidade mais inferior de *kelembak* e significa literalmente: “perfume que vai ao fundo”. O significado deriva do peso específico da madeira *kelembak* que, sendo mais pesada que a água, vai, por conseguinte, ao fundo. *Chenxiang* [沈香] é, ao mesmo tempo, também outra designação sob a qual, nas antigas enciclopédias chinesas e em outros textos, se encontram as mais detalhadas informações quanto à origem e natureza desta madeira.³⁴ Neste caso, as fontes chinesas diferenciam muitas vezes entre diversas espécies e qualidades, o que, porém, para nós não é de grande relevância.³⁵

Uma outra fonte sobre a origem das designações para calambaque (*gharu*, ou seja, *gharu kaya* etc., portanto, madeira-*gharu*), esta remonta à forma do sânscrito *agaru*. A forma “pau d’aquila” e suas modificações ortográficas entraram no vocabulário português através da variante do tamil. Daí resultou então um cruzamento com a palavra “águia”, que levou a “pau-de-águia”, “eaglewood”, “Adlerholz”, “bois d’aigle” e outras.

Lenho-aloes, ou seja, “bois d’aloes”, “lignum aloes”, é a terceira designação importante que, provavelmente através de uma variante do Próximo Oriente, está relacionada com as já citadas formas do sânscrito. Esta forma aparece sobretudo na documentação portuguesa mais antiga sob a forma “linalol”.³⁶

As madeiras agrupadas sob as denominações “calambaque”, “gharu”, “pau d’aquila”, e “lenho-aloes” representavam uma série de espécies distintas da *Aquilaria*. Calambaque, a madeira melhor e mais cara, na literatura era a maior parte das vezes equiparada com a *Aquilaria agallocha*, que já se encontra descrita nos livros mais antigos sobre a Ásia portuguesa. Segundo a opinião de alguns, as melhores qualidades cultivavam-se no Vietname e Camboja, razão por que as encontramos mencionadas na famosa obra de Loureiro, *Flora cochinchinensis* de 1790.³⁷ Uma grande parte da valiosa madeira-calambaque, que se vendia no comércio asiático, provinha, aliás, do litoral da

Indochina. Outros países exportadores e reexportadores eram a Tailândia e diversas regiões da Indonésia.

Precisamente antes da chegada dos portugueses, verificam-se, por exemplo, uma série de remessas de calambaque do Sudeste Asiático para a China. A China recebia constantemente calambaque sobretudo de Champa.³⁸ Calambaque era tão procurado na China que, tal como o almíscar, era mencionado em muitos dos chamados *xiangpus* [香谱], “Listas de Perfumes”. Calambaque era utilizado na produção de essências, em cerimónias e na medicina, por exemplo contra a diarreia. O mesmo se dava no Japão, onde sobretudo o *chenxiang* [沈香] aparece em alguns ingredientes para receitas.³⁹ Na época anterior aos portugueses, o Japão importava o pau-de-águia e calambaque através dos mercadores de Riukiu e dos chineses, pois ambos tinham estreitas relações com os países do Sudeste da Ásia.⁴⁰ O calambaque de boa qualidade atingia preços altíssimos, o que incitava por vezes alguns negociantes a pôr em circulação produtos falsificados. Por exemplo, na obra *Lingwai daida* [岭外代答] encontra-se uma primeira referência que, no entanto, nada tem a ver com o Japão.⁴¹

As fontes portuguesas dos princípios do século XVI bem como as fontes chinesas, a maior parte das vezes, associam calambaque, lenho-aloes e pau-de-águia com Champa e Cochinchina. Pires, por exemplo, observa:⁴²

“As mercadorias De champaa a principall he calambaque que he o lenho aloees ho Vrdadeiro a melhor espeçia Delle por que o que laa em portuguell se vsa guaro De que qua ha matos tem grande Deferença o calambuc em cheiro he sabor & odor asy como ouro a chumobo em ualía E deste calambaque em champa ha o melhor & a fonte delle he gomoso De veas bramquas & pretas he paão mole vall em malaq^a cada aRates seis sete cz^{dos} & a tall q vall Doze & qmto ho paão em prefeycã & mör asy sobe em valija do pequeno posto q seja Da mesma vomdade.”

Além disso, deduz-se das obras de Pires, Barbosa e de outros, que o calambaque se comercializava em muitas partes da Ásia, ocupando Malaca, por sua vez, uma posição muito importante como distribuidora. Deste ponto, os negociantes de Java, do Sião, de Pase e da própria Malaca enviavam a tão cobiçada madeira para a China e destes países saíam também muitas das remessas destinadas à Índia e ao Próximo Oriente.⁴³ Tanto os portugueses como os asiáticos operavam

naturalmente como negociantes intermediários e, nesta função, assumiam, de vez em quando, pequenos transportes para a China e o Japão, quer a partir de Malaca ou directamente do litoral vietnamita. Porém, de um modo geral, são raras as informações referentes à participação portuguesa no comércio de calambaque e pau-de-águila. A maior parte da documentação existente limita-se a referir que estas espécies de madeira existiam na Indochina, ou que eram relativamente preciosas.⁴⁴

A escassez das referências deve-se talvez ao facto de os portugueses raras vezes navegarem para a Indochina. O comércio com a Indochina, que na maior parte das vezes se realizava a partir de Macau, e que só nos fins do século XVI se tornou habitual, destinava-se particularmente a apoiar os missionários no Vietname e só raras vezes dava grandes lucros. Além disso, o negócio com a seda desempenhava um papel muito mais relevante que o comércio com madeiras preciosas ou perfumes.⁴⁵

Escassas são também as indicações respeitantes a preços e a quantidades. Por volta de 1600, lemos que os portugueses negociavam entre si o calambaque da Cochinchina por 50 cruzados (por cate), enquanto que na própria Cochinchina por uma determinada quantidade de calambaque se pagava a mesma quantidade de prata. Diz-se, que o calambaque de Champa seria ainda mais fino, portanto, mais caro.⁴⁶ Outras fontes mencionam que o bom calambaque era pago a peso de ouro,⁴⁷ e Borri, um jesuíta, que entre 1618 e 1621 se fixou na Cochinchina, chega à seguinte conclusão:

“...the best recompense that the King can giue to a Captaine of Malacca, is, to trade and traffique with this *Aquilla*: by reason that *Brachmans* and *Banians* of India, being accustomed to burne the bodies of the dead with this odoriferous wood, will quickly dispatch and rid him of an infinite quantity thereof.”

Borri informa ainda que, no interior da Cochinchina, o preço de compra importava em 5 ducados, enquanto que no litoral já se pagavam 16 ducados por meio quilo (pouco mais que um cate [斤]). No Japão, o meio quilo atingira os 200 ducados e por grandes pedaços chegaram-se a pagar até 300 a 400 ducados.⁴⁸ Mesmo que nestes dados haja muito de confuso e não se deva realmente comparar ducados com cruzados, e mesmo que Yamada Kentaro forneça,

por vezes, outros números, tudo indica, no entanto, que com a venda de calambaque se podiam alcançar lucros consideráveis.⁴⁹

Além dos portugueses, os barcos japoneses também transportavam calambaque e pau-de-águila para o Japão. Entre 1604 e 1635 foram concedidas 331 licenças comerciais a barcos japoneses, sendo mais de metade destinadas a viagens para o Vietname e Camboja e 65 licenças exclusivamente para viagens à Cochinchina.⁵⁰ Muitos destes veleiros com destino à Indochina terão, pois, transportado pequenas quantidades de calambaque para o Japão. Cerca de 1608, tem-se notícia de um barco japonês carregado de pau-de-águila que fizera escala em Macau. A tripulação deste barco envolve-se numa briga com os marinheiros de um outro transporte japonês, que também fizera escala em Macau, incidente este que muito desagradou às autoridades chinesas.⁵¹

No Japão, por volta de 1616, parece ter aumentado a procura de calambaque e de pau-de-águila (possivelmente isto explica o preço elevado que Borri menciona em relação ao Japão).⁵² Talvez agora tivesse aumentado a participação dos japoneses nestes transportes para o Japão. No entanto, tanto o relato de Borri como as outras fontes mencionam, que os japoneses compravam na Indochina com a sua prata sobretudo “seda crua processada, ébano e pau-de-águila” e que, de vez em quando, os soberanos indochineses enviavam calambaque ou pau-de-águila como presentes para o Japão.⁵³ Deve-se acrescentar que, também por vezes, iam da Tailândia, onde existia uma grande “colónia” japonesa, pau-de-águila e calambaque para o Japão.⁵⁴

Extinto o comércio entre Macau e o Japão, Macau continuou a comprar pequenas quantidades de pau-de-águila e de calambaque, que em geral eram destinadas a Manila.⁵⁵ Somente em 1647, quando os portugueses enviaram presentes para o Japão, na esperança de poderem recomeçar o comércio Macau-Japão, ouvimos dizer uma vez mais, que seguira um grande e especialmente valioso pedaço de pau-de-águila de Macau para o Japão. Porém, a missão malogrou e o acesso directo para o Japão ficou interdito aos portugueses.⁵⁶

O mercado japonês era agora abastecido pelos holandeses e chineses, que já dantes, ao que parece sobretudo nos anos de 1630, tinham levado calambaque e pau-de-águila para o Japão. As

ENCONTRO DE CULTURAS / Rotas Comerciais

quantidades importadas eram muitas vezes consideráveis: em 1644 chegaram a bordo dos juncos chineses 3.500 cates [斤] de pau-de-águila, em 1645 foram 2.785 cates [斤] e em 1648, 4.500 cates [斤]; as maiores quantidades de calambaque ficavam entre os 321 e os 450 cates [斤]. Os holandeses trouxeram um pouco menos: até 1648 o máximo que transportavam anualmente era 1.300 cates [斤] de pau-de-águila e 120 cates [斤] de calambaque.⁵⁷ Ambos importavam calambaque e pau-de-águila da Indochina e do Sião. Os transportes dos chineses e dos holandeses para o Japão eram, comparados com as antigas remessas dos portugueses, provavelmente muito superiores. Porém, no total, tanto para os importadores portugueses como para os holandeses, o calambaque e o pau-de-águila teriam desempenhado no comércio com o Japão um papel meramente secundário.

AZOUGUE

O azougue, o terceiro produto de que nos ocuparemos a seguir, era explorado durante os fins da Idade Média e nos princípios da Idade Moderna em diversas partes da Europa e Ásia. Aqui interessa-nos sobretudo a produção chinesa. Durante a época Song, a exploração parece ter-se concentrado no Noroeste,

investigação de Xia [夏 (湘蓉)], Li [李 (仲均)] e Wang [王 (根元)] mostram que, até ao começo da era Qing, a produção anual do azougue em Guizhou ultrapassou os 5.000 cates [斤].⁵⁸

O azougue era utilizado na China para fins diversos: por exemplo, na medicina, na alquimia para a produção de elixires, na conservação de cadáveres, na amálgama, na prateação e douradura de superfícies, na produção de espelhos, como suplemento para a pólvora, e outros.⁵⁹ Em outros países da Ásia o azougue tinha, normalmente, aplicações semelhantes. Assim, no Japão encontramos-lo na alquimia e na medicina. Além disso, aí se utilizava este produto, como também na América Latina e na China, na amalgamação, portanto, na produção de ouro e de prata, a partir dos respectivos minérios. Tal aconteceu, sobretudo a partir do final do século XVI, depois que os japoneses aprenderam com os europeus a técnica da amalgamação.⁶⁰

Pouco se sabe acerca dos transportes chineses do azougue no interior da China, porém, podemos partir do princípio que este metal chegava com regularidade às cidades portuárias das regiões litorais e daí era exportado, isto ainda antes da chegada dos portugueses. Com a chegada dos portugueses à Ásia, aumentam, então, as notícias referentes ao comércio marítimo do azougue. Uma grande parte do azougue, que circulava

O almíscar e o azougue vinham quase exclusivamente da China, enquanto no comércio com o calambac e também o pau de águila tanto Macau como a China constituíam apenas escalas entre o Sudeste asiático e o Japão. Comum às três mercadorias é terem sido transaccionadas em muitas partes da Ásia e, por isso, estavam de certo modo enquadradas no comércio mundial.

nas províncias de Gansu e Shenxi, e no Sudoeste, na província de Guangxi. Por exemplo, durante a era Yuanfeng (1078-1085) ter-se-iam produzido no Noroeste cerca de 3.350 cates [斤] de azougue (em chinês *shuiyin* [水銀] ou *gong* [汞]) por ano e, em Guangxi, cerca de 3.650 cates [斤] de cinábrio (*chensha* [长砂], *dansha* [丹砂], *zhusha* [朱砂] etc.), do qual também se podia extrair o azougue. Nos princípios do século XV, um dos principais produtores era o Sudoeste, a província de Guizhou. Os números mencionados na

nas regiões costeiras asiáticas, não provinha da China, mas sim do Sudeste da Ásia, da Europa ou de outras regiões. Uma importante carreira de abastecimento circulava pelo Mar Vermelho. Por conseguinte, através de Jiddah e do Adem o azougue chegava a Ormuz e a Cambaia. Um outro comprador era a Índia, que, em parte, era fornecida directamente por Lisboa.⁶¹

Também no Sudeste Asiático, o azougue parece ter sido uma mercadoria comercial importante. Segundo Pires e Barbosa comerciava-se pau-de-águila,

por exemplo, contra o azougue, em Malaca, Birmânia, Tailândia e Camboja, desempenhando Malaca, uma vez mais, um papel relevante como “distribuidora”. Daqui, este metal chegava a Pegu ou à Tailândia, às Molucas e a outras regiões da Indochina oriental.⁶² A própria Malaca era, provavelmente, abastecida por postos de produção da Península da Malaia e por remessas que vinham de fora.⁶³ Obviamente, no princípio do século XVI valia a pena a importação para Malaca, pois em 1510 lemos numa carta de Rui de Araújo dirigida a Afonso de Albuquerque: “As mercadaryas que Vosa Merce deve de mandar trazer sam estas, a saber: azougue...”⁶⁴ Neste documento o azougue é nomeado em primeiro lugar, o que significa, provavelmente, que havia uma grande procura do produto em Malaca.

Enquanto que nesta altura o azougue saía ainda da região do Oceano Índico para Malaca, pelos finais do século XVI a imagem parece ter-se invertido. Por volta de 1600 os portugueses trouxeram da China para a Índia 100 picos de azougue e 500 pedaços de cinábrio. Através de Malaca, o azougue agora tomara a direcção Oriente-Occidente e na Índia dava 70 a 80 por cento de lucro.⁶⁵

Igualmente de relevância era o transporte do azougue da China para o Japão, no qual os portugueses, possivelmente já desde o início, participavam e que sem dúvida estava relacionado com a introdução da já mencionada técnica de amalgamação no Japão. Através desta técnica e com a ajuda do azougue aumentara-se, sobretudo, a produção da prata, que no Japão desempenhava um papel de grande importância.⁶⁶ Por consequência, o azougue começou a ter mais procura no Japão. Por volta de 1600, os portugueses transportaram anualmente cerca de 150 a 300 (ou seja 200) picos de azougue de Macau para o Japão. Nesse tempo, o preço pago pelo azougue em Cantão (Guangzhou) era de 40 taéis por pico, com o fornecimento de Cantão para Macau subiu para 53 taéis e no Japão o azougue atingia os 90-92 taéis.⁶⁷

Devido ao seu elevado peso, tanto o azougue como o cinábrio tinham possivelmente uma certa importância como material de lastro. Isto deduz-se, por exemplo do facto de, no ano de 1573, um barco português naufragar na viagem com destino ao Japão, em consequência de uma distribuição imprópria da carga; cobre, chumbo e azougue tinham sido colocados por cima dos camarotes, portanto, em lugares nada

adequados para mercadorias pesadas.⁶⁸ Em resumo, como lastro, o azougue e o cinábrio não deviam ter sido tão importantes como o estanho, o zinco, o açúcar ou também o chumbo, produtos estes que, vindos de Macau, em certas alturas chegavam em consideráveis quantidades ao Japão. Souza é de opinião, que, de início, os portugueses nas suas viagens ao Japão utilizavam o açúcar como lastro e mais tarde de preferência o zinco, tendo deixado o transporte do açúcar cada vez mais aos outros, sobretudo aos chineses.⁶⁹ Não é possível averiguar o papel que o azougue desempenhava nesta constelação.

Em 1635 Bocarro escreve que existia muito azougue na China e que este era muito procurado no Japão.⁷⁰ Em Janeiro de 1636 os holandeses relatam a chegada a Nagasaki de “três navetas” vindas de Macau, que traziam diversas mercadorias e uma “boa quantidade de azougue”. Mais precisamente esta quantidade era 262,87 picos com um valor de venda de 33.864 taéis.⁷¹ Em 1637 encontra-se a palavra azougue na já duas vezes citada lista de exportações de Macau para o Japão. Nesse ano, tinham sido enviados para o Japão 18.120,1/4 cates [斤] (181,205 picos) de azougue com um valor de venda de 15.715 taéis. No ano seguinte foram 92,355 picos com um valor de 8.765,2 taéis. Por conseguinte, o preço por pico era de 121,8 taéis em 1636, 86,7 taéis em 1637, e 94,9 taéis em 1638. Portanto, pouco diferia do registado em 1600 e a quantidade em 1637 era mais ou menos a mesma.⁷² No ano seguinte, d'Avalos menciona ainda o transporte de azougue de Macau para o Japão, depois as notícias extinguem-se por completo, em virtude do corte de relações e das divergências entre portugueses e japoneses.⁷³

Como já no caso do almíscar e do calambaque, também no transporte do azougue para o Japão, os portugueses tinham, provavelmente durante todo o tempo, até 1639/40, de concorrer com outros fornecedores. Já por volta dos meados do século XVI, os chineses parecem ter transportado azougue para o Japão, tendo 100 cates [斤] (portanto 1 pico) atingido lá, segundo se conta, 500 taéis, sendo o preço 10 vezes superior ao que regulava na própria China.⁷⁴ Isto significaria que na China, por volta de 1550, um pico custava cerca de 50 taéis, o que corresponderia ao preço de Macau, ou antes, ao de Cantão em 1600.

Ao contrário dos portugueses e dos chineses, durante a era Ming, os holandeses e japoneses devem

ENCONTRO DE CULTURAS / Rotas Comerciais

ter tido acesso relativamente difícil às fontes do azougue na Ásia oriental. Também só raras vezes terão comprado o azougue na Tailândia ou na Indochina e por conseguinte trouxeram pequenas quantidades para o Japão. Só a partir de 1640 é que os ingleses começaram a desempenhar um papel de certa importância, e compravam então mais frequentemente azougue na China, mas estas compras não se destinavam ao mercado japonês.⁷⁵

Os transportes de azougue de Macau para Manila foram, ainda que temporariamente, ainda mais importantes do que os de Macau para o Japão. Os espanhóis necessitavam deste metal para a produção da prata na América e recolhiam-no nas mais diversas regiões: na própria América, na Jugoslávia e, por volta de 1600, também na China. De início, os juncos chineses traziam provavelmente o azougue de Fujian para Manila.⁷⁶ Antes de 1610, possivelmente só chegaram à América pequenas quantidades vindas de Manila. Em consequência de um acordo de curta duração entre portugueses e espanhóis, por volta de 1612, a quantidade aumentou então para cerca de 200 quintais (mais ou menos 150 picos), Macau era o ponto de partida destas remessas, para então baixarem drasticamente depois de 1615.⁷⁷

O motivo porque os portugueses por volta de 1612 concordaram temporariamente em transportar maiores remessas para Manila, era, na opinião de Souza, devido à evolução pouco feliz que o comércio Japão-Macau tomara durante os anos de 1607 a 1610. Bloqueios holandeses e o infortúnio, frequentemente narrado, que ocorrera a Pessoa no Japão, diminuíram, pelo menos durante algum tempo, as esperanças de Macau com respeito ao futuro desenvolvimento do comércio com o Japão. Visto Macau necessitar urgentemente de prata, os portugueses recorreram, por conseguinte, aos espanhóis, que dispunham da prata americana.⁷⁸ Neste caos o azougue era, sem dúvida, apenas uma das muitas mercadorias que Macau costumava enviar para Manila.

É difícil averiguar até que ponto os espanhóis conseguiram comprar grandes quantidades de azougue directamente aos chineses, evitando os mercadores portugueses de Macau. Nas fontes encontram-se referências esporádicas a várias remessas, estas, contudo, são difíceis de quantificar.⁷⁹ Souza considera-as secundárias; por outro lado, por vezes lê-se em documentos, como por exemplo em Juan de Medina (1630), que barcos chineses teriam transportado azougue

para toda a Ásia oriental.⁸⁰ De tudo isto se poderia deduzir, que talvez tivesse chegado mais azougue a Manila vindo de ou via Fujian do que as fontes fazem acreditar. Se de facto existia uma correlação entre a irregularidade dos fornecimentos macaenses para Manila e as remessas chinesas directas para lá e se, por conseguinte, havia uma ligação entre as remessas chinesas e as de Macau para o Japão, isto, receio bem, quase não se conseguirá averiguar.

OBSERVAÇÃO FINAL

Nas mercadorias acima descritas, que iam de Macau para o Japão, trata-se nos três casos de produtos relativamente caros. Dois dos produtos mencionados – o almíscar e o azougue – vinham quase exclusivamente da China, enquanto que no comércio com o calambaque e também o pau-de-águila tanto Macau como a China constituíam apenas escalas entre o Sudeste Asiático e o Japão. Comum às três mercadorias é terem sido transaccionadas em muitas partes da Ásia e, por isso, estavam de certo modo enquadradas no comércio mundial. Comum às três também é que, sob o aspecto quantitativo, não assumiam uma grande importância no volume total das mercadorias de exportação de Macau para o Japão; como vimos, somente durante a fase inicial das relações luso-japonesas é que o almíscar teria tido uma certa relevância.

No entanto seria falso concluir que as “mercadorias raras”, em especial os artigos de luxo, tal como o almíscar ou o calambaque, tivessem sido uma “insignificância” para o mercador em Macau. Pelo contrário: estes dois produtos eram presentes ideais, ocupavam, além disso, pouco espaço, possuíam um alto valor e, em caso de naufrágio, provavelmente podiam ser mais facilmente salvos do que os produtos de seda ou outros objectos volumosos. Como também já vimos, uma grande parte das mercadorias “raras” negociadas em pequenas quantidades era utilizada na Ásia oriental para fins medicinais, neste caso está também o azougue. Deste modo podia-se reduzir mais facilmente o risco dos prejuízos com que, aliás, o comerciante tinha sempre de contar, comparados com certas mercadorias reservadas a um determinado mercado; é que as mercadorias “raras” podiam vender-se, tal como o ouro ou as pedras preciosas, em quase toda a parte na Ásia, constituindo assim como que uma “segurança”, que por vezes facilitava ao comerciante a sobrevivência económica.

A disponibilidade de mercadorias “raras” era naturalmente limitada; elevados preços de compra e uma procura limitada contribuía para que as mercadorias “raras” permanecessem igualmente “raras” e, por isso, atractivas. Sob vários aspectos os produtos “raros”, mais do que os artigos menos “raros” parecem, pois, terem sobrevivido melhor às crises económicas e às transformações na estrutura do curso das mercadorias.

Assim, as exportações de prata do Japão terminaram no decorrer do século XVII, pelo contrário o calambaque e o pau-de-águila continuaram a ser exportados da Indochina durante séculos. O comércio com as “desconhecidas”, particularmente com as preciosidades exóticas da Ásia, merece, pois, sem dúvida um estudo mais pormenorizado e, a meu ver, devia ser-lhe dedicada mais atenção. **RC**

NOTAS

- 1 Algumas obras sobre o comércio de seda e prata: Boxer, *Great Ship*; Boxer, *Fidalgos*; Boxer, “Portuguese Commercial Voyages”; Souza, *Survival*; Okamoto, *Jûroko-seiki*; Quan Hansheng, “Mingdai”; Moloughney e Xia, “Silver and the Fall of the Ming”.
- 2 Sobre o ouro e o cobre por exemplo: Hall, “Notes”; Brown, “The Importation of Gold”; obras citadas nº 1
- 3 Cf. por exemplo Wheatley, “Geographical Notes”, pp. 105-106, 124-125; Hirth e Rockhill, *Chau Ju-Kua*, pp. 212, 234-235; Netolitzky, *Ling-wai tai-ta*, p. 168; Chen Dazhen, *Dade Nanhai zhi*, p. 28.
- 4 *Grande Enciclopédia*, II, pp. 88-89. Também Dalgado, *Glossário*, I, p. 27; Magalhães Godinho, *Os Descobrimientos*, II, p. 206; *Encyclopaedia Heibonsha*, VI, p. 1260; Thomaz, “Especiariais”, pp.288-289.
- 5 Cf. por exemplo Dames, *Barbosa*, II, S. 160-161 e nº 1; Gonzalez de Mendoza, *The Historie*, cap. 4, pp. 8-9; Gaspar da Cruz em Boxer, *South China*, pp. 76-77.
- 6 Cortesão, *Suma Oriental*, I, p. 96 (todas referências ao texto inglês). Também veja o novo estudo sobre o texto de Lisboa: Loureiro, *O manuscrito de Lisboa*, especialmente o dicionário (referências, p. 207: almíscar).
- 7 Fitch em Hakluyt, *Principal Navigations*, V, p. 504.
- 8 Cf. por exemplo Cortesão, *Suma Oriental*, I, pp. 96, 98, 111; Gaspar da Cruz em Boxer, *South China*, pp. 76-77; Groslier, *Angkor et le Cambodge*, p. 162; Manguin, *Les Portugais*, p. 37; Sá, *Documentação*, I, p. 28; Mendez Pinto, *Peregrinação*, II, cap. 158, p. 332.
- 9 Cf. por exemplo Mills, *Ma Huan*, pp. 97, 129, 176; Sá, *Documentação*, I, p. 30 (Java), p. 70. Também veja Mo Rennan, “Zhongguo yaowu”, p. 12.
- 10 Cortesão, *Suma Oriental*, pp. 16, 21, 43, 125; Dames, *Barbosa*, I, pp. 56, 93, 159, 173; II, p. 214. Mais referências ao comércio de almíscar nos princípios do século XVI em Okamoto, *Jûroko-seiki*, pp. 64, 65, 68, 78; Teixeira, *Macau no século XVI*, p. 7. Também veja Thomaz, *De Ceuta a Timor*, p. 302.
- 11 Cf. por exemplo Mathew, *Portuguese Trade with India*, p. 140; Bouchon, *Navires*, pp. ix, xi, xii, 2, 49.
- 12 Cortesão, *Suma Oriental*, I, p. 130; Sá, *Documentação*, I, p. 27; Schurhammer, “O descobrimento do Japão”, p. 61.
- 13 Para o uso de almíscar na China e no Japão veja, por exemplo, Li Shizhen, *Bencao gangmu* [李时珍本草纲目], IV, cap. 51, pp. 2867 et seq.; *Qinding Gujin tushi jicheng*, LXIII, Qinchong dian, cap. 77, pp. 758-761; textos em *Shuiginkei yakubutsu seihôsho*, por exemplo pp. 104, 159, 160, 220, 224, 229; Yamada, *Tozai* [山田宪太郎东西香药史], passim. Também veja Costa, *Tratado*, p. 247, e Orta, *Colóquios*, especialmente II, p. 42).
- 14 Mendes Pinto, *Peregrinação*, por exemplo I, cap. 55, pp. 210, 213; cap. 60, p. 240; III, cap. 221, p. 317.
- 15 Boxer, *South China*, p. 190; Hakluyt, *Principal Navigations*, V, p.406.
- 16 *Ibid.*, V, p. 498 (Fitch); Boxer, *Fidalgos*, p. 6; Okamoto, *Jûroko-seiki*, p. 688. Também veja Matsuda, *Kinsei shoki*, p. 569.
- 17 Citado por Boxer, *Great Ship*, p. 48; Okamoto, *Jûroko-seiki*, p. 688; Kobata, *Shisetsu Nihon*, p. 62.
- 18 Citado por Teixeira, *Macau através*, pp. 10, 13.
- 19 A lista de mercadorias de 1600 era frequentemente citada; cf. por exemplo Blair e Robertson, *Philippine Islands*, XIX, pp. 307-308; Boxer, *Great Ship*, pp. 179-181, 184; Boxer, *Christian Century*, pp.109, 464 nº 12; Souza, *Survival*, pp. 50-51; Okamoto, *Jûroko-seiki*, p. 690; Huang Qichen e Deng Kaisong, “Ming Jiaying Chongzhen”, p. 283; Quan Hansheng, “Mingdai” [黄启臣、邓开颜：明代中叶后澳门的海外贸易], pp. 258-259. – 1 picul (pico, picol etc.) = 100 cates; 1 tael = cerca 1,25 reais. – Saris diz que por volta de 1608 o preço era 7 reais em Cantão (cerca 5,6 taéis); veja Satow, *The Voyage*, pp. 216, 226.
- 20 Chang T'ien-tsê, *Sino-Portuguese Trade*, p. 108.
- 21 Blair e Robertson, *Philippine Islands*, XIX, p. 310; Boxer, *Great Ship*, p. 181. Outras fontes portuguesas dos princípios do século XVII também falam das exportações portuguesas de almíscar para a Índia; por exemplo Fitch em Hakluyt *Principal Navigations*, V, p.498.
- 22 Thompson, *Diary of Richard Cocks*, I, passim; II, pp. 72-76. Também carta de Saris (1614) - Satow, *The Voyage*, p. 204 - : “Muske, worth the wayght in Siluer”.
- 23 *Dagh-Register*, 1624-1629, p. 9; *Generale Missiven*, I, p. 249. Também Kato, “The Japanese-Dutch Trade”, p. 64.
- 24 Por exemplo Fillastre, “Bois d’aigle”, pt. 1, pp. 255, 258. Para o almíscar no comércio nipo-siamês cf. Iwao, *Nanyô*, p. 153.
- 25 Boxer, “Portuguese Commercial Voyages”, p. 42 nº 19.
- 26 Boxer, *Seventeenth Century*, p. 26.
- 27 *Generale Missiven*, I, p. 514; Innes, *The Door Ajar*, p. 657; Boxer, *Great Ship*, p. 195; *Nihon kankei...Oranda...* [日本倭荷兰], I,2, p. 140, II.1, p. 172, III.1, p. 102.
- 28 Boxer, *Seventeenth Century*, p. 80.
- 29 Por exemplo, Boxer, *Ásia sinica e japónica*, I, pp. 229, 235.
- 30 Boxer, *Seventeenth Century*, p. 137.
- 31 Videira Pires, “A viagem”, p. 29, cit. um documento dos *Arquivos de Macau*, ser. 1, III, pp. 173-174. Bobadilla em Blair e Robertson, *Philippine Islands*, XXIX, p. 306.
- 32 Por exemplo Morse, *Chronicles of the East India Company*, I, passim.
- 33 Yamada, *Tozai* [山田宪太郎东西香药史], pp. 394-396. Sobre os holandeses, por exemplo, *De Dagregisters van...Taiwan*, pp. 424, 494, 499, 501, 505.
- 34 Cf. por exemplo Netolitzky, *Ling-wai tai-ta*, pp. 117-118; Hirth e Rockhill, *Chau Ju-Kua*, pp. 204-208; Wheatley, “Geographical Notes”, pp. 69-72; Dalgado, *Glossário*, I, pp. 17-18, 180-182; Fillastre, “Bois d’aigle”; Manguin, *Les Portugais*, pp. 244-249; Groslier, *Angkor et le Cambodge*, pp. 152-153; Li Shizhen, *Bencao*

ENCONTRO DE CULTURAS / Rotas Comerciais

- gangmu [李时珍本草纲目], III, cap. 34, pp. 1936 et seq.; Orta, *Colóquios*, especialmente II, pp. 60 et seq.
- 35 Ibid.; Qu Dajun, *Guangdong xinyu*, cap. 26, pp. 669-673.
- 36 Cf. por exemplo Manguin, *Les Portugais*, p. 37.
- 37 Fillastre, “Bois d’aigle”, pt. 1, p. 256; pt. 2, p. 319.
- 38 Cf. por exemplo Yamada, *Tozai* [山田宪太郎东西香药史], pp. 373 et seq. Também veja *Ming shilu*, Hongwu, cap. 121, p. 1960; cap. 184, p. 2768; cap. 192, p. 2891; Xuande, cap. 29, p. 758; cap. 79, p. 1837; Wade, *The Ming shi-lu*, III e IV. É possível que, nos princípios da dinastia Ming, a ilha de Hainão também produzisse pequenas quantidades de calambaque e pau de água; cf. Kobata, *Shisetsu Nihon*, pp. 166, 177-180.
- 39 Cf. por exemplo Li Shizhen, *Bencao gangmu* [李时珍本草纲目], III, cap. 34, pp. 1936 et seq.; Fillastre, “Bois d’aigle”, pt. 1, pp. 249-251; *Shuiginkei yakubutsu seihōsho*, pp. 174, 190, 229 etc.; Borri, *Cochin-China*, cap. 3 (sem pág.); Yamada, *Tozai* [山田宪太郎东西香药史], passim, esp. pp. 321 et seq.
- 40 Para o comércio das Ilhas Riukiu, por exemplo *ibid.* pp. 378 et seq., 390 et seq.; Kobata e Matsuda, *Ryukyuan Relations*.
- 41 Netolitzky, *Ling-wai tai-ta*, p. 94.
- 42 Cortesão, *Suma Oriental*, I, p. 113; Loureiro, *O manuscrito de Lisboa*, pp. 142, 144. Também Manguin, *Les Portugais*, pp. 40, 44, 246. Outras referências por exemplo: Dames, *Barbosa*, II, pp. 209-210; Falcão em Bishop Smith, *The First Age*, p. 37. Também veja Andrade, “Drogas”, pp. 132, 142, 178.
- 43 Cortesão, *Suma Oriental*, I, p. 118; II, p. 270; Dames, *Barbosa*, I, pp. 92, 93; II, p. 175; Brito em Sá, *Documentação*, I, pp. 67, 68; Mendes Pinto, *Peregrinação*, III, cap. 189, p. 127. Breve sumários em Magalhães Godinho, *Os descobrimentos*, II, pp. 210-211; Mathew, *Portuguese Trade with India*, p. 134.
- 44 Cf. por exemplo Dalgado, *Glossário*, I, pp. 17-18, 181-182; Gaspar da Cruz (Boxer, *South China*, p. 59); *Documentação ultramarina portuguesa*, I, p. 233.
- 45 Para o comércio Macau-Indochina veja por exemplo Manguin, *Les Portugais*, esp. pp. 184 et seq.; Teixeira, *Macau e a sua diocese*, t. XV: *Relações comerciais de Macau com o Vietnam*; Souza, “Portuguese Society in Macao and Luso-Vietnamese Relations”.
- 46 Blair e Robertson, *Philippine Islands*, XIX, p. 317.
- 47 Por exemplo Fillastre, “Bois d’aigle”, pt. 2, pp. 313-315; Giraud, *Voyages*, p. 88: “... aussi est-il (calambaque) bien cher, car on le pèse deux fois pesant d’or contre une fois de ce bois”.
- 48 Borri, *Cochin-China*, cap. 3; Manguin, *Les Portugais*, p. 186; Fillastre, “Bois d’aigle”, pt. 2, p. 314.
- 49 Yamada, *Tozai* [山田宪太郎东西香药史], esp. pp. 392-393. Preços diferentes apud Saris” (Satow, *The Voyage*, p. 229).
- 50 Cf. por exemplo Iwao, *Nanyō*, pp. 2-4; Yamada, *Tozai* [山田宪太郎东西香药史], pp. 388-389.
- 51 Boxer, *Christian Century*, pp. 270-271; Boxer, *Great Ship*, pp. 70-71; Boxer, “The Affair”, pp. 64-65.
- 52 Yamada, *Tozai* [山田宪太郎东西香药史], p. 390. Nos princípios do século XVI os ingleses também importavam o calambaque do Japão; cf. por exemplo Thompson, *Diary of Richard Cocks*, I, passim; II, pp. 48, 84.
- 53 Cf. por exemplo Borri, *Cochin-China*, cap. 3 e 8; Fillastre, “Bois d’aigle”, pt. 1, p. 258; pt. 2, p. 314; Teixeira, *Macau e a sua diocese*, t. XV: *Relações comerciais de Macau com o Vietnam*, p. 99; Péri, “Essai”, p. 71; Yamada, *Tozai* [山田宪太郎东西香药史], p. 392.
- 54 Cf. por exemplo Yoneo, “Seventeenth Century Japanese Documents”, pp. 162, 163.
- 55 Cf. por exemplo Teixeira, *Macau e a sua diocese*, t. XV: *Relações comerciais de Macau com o Vietnam*, pp. 168, 170; Manguin, *Les Portugais*, pp. 200, 203, 310; Boxer, *Seventeenth Century*, p. 137; Videira Pires, “A viagem”, p. 29.
- 56 Fillastre, “Bois d’aigle”, pt. 2, p. 314; Boxer, “The Embassy”, p. 43.
- 57 *Dagh-Register*, por exemplo 1631-1634, pp. 211, 212, 300, 427; 1636, pp. 64, 291; 1637, pp. 134, 135, etc.; *De Dagregisters van ... Taiwan*, passim; Yamada, *Tozai* [山田宪太郎东西香药史], p.394; Kato, “The Japanese-Dutch Trade”, p. 64; Innes, *The Door Ajar*, p. 668.
- 58 Xia Xiangrong et al., *Zhongguo gudai* [中国古代], pp. 110-111, 157-158, 194-195, 307-317. É possível que durante a dinastia Song e a dinastia Yuan a China ainda importasse o azougue do Japão; veja Chen Gaohua e Wu Tai, *Song Yuan*, p. 51; Kobata, *Shisetsu Nihon*, p. 11.
- 59 Cf. por exemplo Needham, *Science and Civilisation*, V, pt. 2-4, passim; Li Shizhen, *Bencao gangmu* [李时珍本草纲目], I, pp. 517 et seq.; *Qinding Gujin tushu jicheng*, VIII, Kunyu [坤域] dian, cap. 22, pp. 227-235; Netolitzky, *Ling-wai tai-ta*, pp. 129-131.
- 60 Para o Japão, veja por exemplo Kobata, *Kōzan* [铦山历史], passim; *Shuiginkei yakubutsu seihōsho*, esp. textos 1-4, 7, 8; *Zusetsu Nihon bunka no rekishi*, pp. 124-129; *Kokushi daijiten*, VIII, p. 8 (obra não acessível, citada por Kobata: Onishi Genichi, “Nihon shuigin...no shiteki kenkyū”, *Kōkugaku zasshi*, 8.10-12); Vogel, “The Transfer”, p. 92.
- 61 Cf. por exemplo Cortesão, *Suma Oriental*, I, p. 43; Dames, *Barbosa*, I, pp. 55, 56, 93; Magalhães Godinho, *Os descobrimentos*, I, pp. 235, 240, 245; Mathew, *Portuguese Trade with India*, pp. 149-153. Para o modo de transporte do azougue, veja, por exemplo, *Generale Missiven*, I, pp. 341, 509-510.
- 62 Cortesão, *Suma Oriental*, I, pp. 93, 108, 111, 112; Loureiro, *O manuscrito de Lisboa*, referências na p. 210; Dames, *Barbosa*, II, pp. 164, 173, 174, 189, 196, 198, 202; Thomaz, *De Ceuta a Timor*, pp. 335-338.
- 63 Mills, “Eredia”, pp. 51-52, 177 (produção na Malásia).
- 64 Sá, *Documentação*, I, pp. 30-31.
- 65 Boxer, *Great Ship*, p. 182; Blair e Robertson, *Philippine Islands*, XIX, p. 310; Quan Hansheng, “Mingdai”, p. 252.
- 66 Kobata, *Kōzan* [铦山历史], por exemplo p. 172. Também veja Lewin e Hauptmann, *Kodozuroku*, pp. 94-101.
- 67 Blair e Robertson, *Philippine Islands*, XIX, pp. 308, 314; Boxer, *Great Ship*, pp. 180, 184; Souza, *Survival*, pp. 50, 72; Quan Hansheng, “Mingdai”, pp. 258-259. Kobata (*Kokushi daijiten*, VIII, p. 8): nos princípios do século XVII, o total das importações chinesas, portuguesas e holandesas no Japão era por volta de 30.000 kin (cerca 300 picos) por ano.
- 68 Schurhammer e Voretzsch, *Die Geschichte Japans*, p. 430; Okamoto, *Jūroko-seiki*, p. 417.
- 69 Souza, “Ballast Goods”. Para o açúcar, por exemplo, Iwao, “Kinsei Nisshi”, pp. 1010-1013; Lin Renchuan, *Ming mo Qing chu*, pp.236-243.
- 70 Boxer, *Seventeenth Century*, p. 26.
- 71 *Generale Missiven*, I, p. 514; Innes, *The Door Ajar*, p. 657.
- 72 Boxer, *Great Ship*, p. 194; Souza, *Survival*, p. 51; Okamoto, *Jūroko-seiki*, p. 690; Innes, *The Door Ajar*, p. 657; *Nihon kankei... Oranda...* [日本...荷兰], II.1, p. 172; III.1, p. 101; III.2, pp. 154, 207; também I.2, p. 71. Saris (Satow, *The Voyage*, pp. 204, 228) diz que em 1614 o preço do azougue era de 30-40 taéis e o preço de cinabre de 30-60 taéis no Japão.
- 73 Boxer, *Seventeenth Century*, p. 76.
- 74 *Chou hai tubian* [筹海图编] Lin Renchuan, *Ming mo Qing chu*, p. 269; Kobata, *Shisetsu Nihon*, pp. 64, 234.
- 75 Cf. por exemplo Kato, “The Japanese-Dutch Trade”, p. 66; Morse, *Chronicles of the East India Company*, I, passim; Dermigny, *La Chine et l’Occident*, I, pp. 427-428. Mais informações nos *dagregisters* neerlandeses.
- 76 Oliver van Noordt (cerca 1600), cit. Blair e Robertson, *Philippine Islands*, XV, p. 303.

CULTURAL ENCOUNTER / Commercial Routes

- 77 Souza, *Survival*, p. 72.
 78 Carta de Juan Silva (1610), Blair e Robertson, *Philippine Islands*, XVII, p. 149: 50.000 pesos mandados de Manila a Macau.
- 79 Ibid., VII, p. 68; Gonzalez de Mendoza, *The Historie*, pp. 350, 368.
 80 Blair e Robertson, *Philippine Islands*, por exemplo XVIII, p. 18; XXIII, p. 193.

GLOSSÁRIO

- Bencao gangmu 本草綱目
 Chen Gaohua 陈高华
 Chen Menglei 陈梦雷
 Chensha 辰砂
 Chenxiang 沈香
 Dansha 丹砂
 Deng Kaisong 邓开颂
 Edo kagaku kotenshō 江戸科学古典丛书
 Encyclopaedia Heibonsha 平凡社大百科事典
 Gansu 甘肃
 Gong 汞
 Guangdong 广东
 Guangdong xinyu 广东新语
 Guangxi 广西
 Guizhou 贵州
 Haijiao shi yanjiu 海交史研究
 Hayashiya Tatsusaburo 林屋辰三郎
 Huang Qichen 黄启臣
 Iwao Seiichi 岩生成一
 Jialan 伽(加)兰
 Jianan 伽(加)南
 Júroko-seiki Nichi-ō kōtsū-shi no kenkyū 十六世纪日欧交通之研究
 Kinsei Nisshi boēki ni kansaru suroteki kosatsu 近世日支贸易汇关数量的考察
 Kinsei shoki Nihon kankei Nanban shiryō no kenkyū 近世初期日本关系南蛮史料研究
 Kinzei fuzoku zufu, Namban 近世风俗图谱
 Kobata Atsushi 小叶田淳
 Kokushi daijiten 国史大辞典
 Kokushi...henshūinkai 国史...編集委員会
 Kōzan no rekishi 铤山历史
 Li Shizhen 李时珍
 Li Zongjun 李仲均
 Lin Renchuan 林仁川
 Linwai daida 岭外代答
 Matsuda Kiichi 松田毅一
 Mingdai zhongyehou Aomen de haiwai maoyi 明代中叶后澳门的海外贸易
- Ming Jiajing Chongzhen nian jian Aomen duiwai maoyi de fazhan 明嘉靖崇祯年间澳门对外贸易的发展
 Ming mo Qing chu siren haishang maoyi 明末清初西人海上贸易
 Ming Qing Guangdong shehui jingji yanjiu 明清广东社会经济研究
 Ming shilu 明实录
 Mo Rennan 莫仁南
 Manyō Nihon-machi no kenkyū 南洋日本町研究
 Okamoto Yoshitomo 冈本郎知
 Qinan 奇南
 Qinding Gujin tushu jicheng 钦定古今图书集成
 Qu Dajun 屈大均
 Quan Hansheng 全汉升
 Shenxi 陕西
 Shexiang 麝香
 Shexiang mu 麝香木
 Shigaku zasshi 史学杂志
 Shisetsu Nihon to Minami-Shina 史说日本之南支那
 Shuiginkei yakubutsu seihōsho 水银系药物制法书
 Shuinsen boēkishi no kenkyū 朱印船贸易史之研究
 Shuiyin 水银
 Song Yuan shiqi de haiwai maoyi 宋元时期的海外贸易
 Tozai koyaku shi 东西香药史
 Wanaqi 膻脐脐
 Wang Genyuan 王根元
 Wu Tai 吴泰
 Xiamen 厦门
 Xiangpu 香谱
 Xia xiangrong 夏湘蓉
 Yamada kentaro 山田宪太郎
 Zhejiang 浙江
 Zhongguo gudai kuangye fazhan shi 中国古代矿业展史
 Zhongguo yaowu xizhuan kao 中国药物西传考
 Zhongyang yanjiuyuan lishi yuyan Yanjiusuo 中央研究院历史语言研究所
 Zhusha 朱砂
 Zusetsu Nihon bunka no rekishi, Azuchi Momoyama 图说日本文化之历史·安土桃山

BIBLIOGRAFIA

I. FONTES PRIMÁRIAS, TRADUÇÕES E COLECÇÕES DE DOCUMENTOS

- Barbosa, Duarte – cf. Dames.
 Blair, Emma H. e James A. Robertson (ed. e trad.) – *The Philippine Islands, 1493-1803: Explorations by Early Navigators...* Cleveland: The A. H. Clark Company, 1903-1909, 55 tomos.
 Borri, Christophoro – *Cochin-China: Containing many admirable Rarities and Singularities of that Country. Extracted out of the Italian Relation lately presented to the Pope...and published by Robert Ashley.* Amsterdão, Londres: Theatrum Orbis Terrarum e Da Capo Pr., 1970 [reed. da ed. de 1633].
 Bouchon, Geneviève (ed.) – *Navires et cargaisons retour de l'Inde en 1518. Caderno dos oficiais da Índia da carregação das naos que vieram o anno de bxxbij.* Paris: Société d'Histoire de l'Orient, 1977.
- Boxer, Charles R. – *The Embassy of Captain Goncalo de Siqueira de Souza to Japan in 1644-7.* Macau, 1928. [Reed. com Boxer, *A Portuguese Embassy*, num tomo. Washington, D.C.: Univ. Publ. of America, 1979].
 Boxer, Charles R. (ed. e trad.) – *Seventeenth Century Macau in Contemporary Documents and Illustrations.* Hong Kong: Heinemann Educational Books (Asia), 1984.
 Boxer, Charles R. (ed.) – *South China in the Sixteenth Century. Being the Narratives of Galeote Pereira, Fr. Gaspar da Cruz, O. P., Fr. Martin da Rada, O. E. S. A. (1550-1575).* Londres: Hakluyt Soc., 1953.
 Boxer, Charles R. (ed.): *Asia Sínica e Japónica.* [Reed. Macau: Instituto Cultural de Macau, Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1988, 2 tomos.]
 Boxer, Charles R. (trad.) – *A Portuguese Embassy to Japan (1644-1647).* Londres: Kegan Paul, Trench, Trübner, 1928 (reed. com Boxer, *The*

ENCONTRO DE CULTURAS / Rotas Comerciais

- Embassy of Captain Goncalo*, num tomo. Washington, D.C.: Univ. Publ. of America, 1979).
- Chen Dazhen 陈达晨 – *Dade nanhai zhi* 大德南海法. Guangzhou: Guangzhou shi difang zhi yanjiu, 1986.
- Cocks, Richard – cf. Thompson.
- Cortesão, Armando (ed. e trad.) – *The Suma Oriental of Tomé Pires... and the Book of Francisco Rodrigues...* Londres: Hakluyt Soc., 1944, 2 tomos.
- Costa, Cristovão da – *Tratado das drogas e medicinas das Índias Orientais no qual se verifica muito do que escreveu o Doutor Garcia de Orta* (trad. Jaime Walter). Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.
- Dagh-Register gehouden int Casteel Batavia vant passerende daer ter plaetse als over geheel Nederlands-India*, ed. por J. E. Heeres et al. Haia, Batavia: Nijhoff e Landsdrukkerij, 1887-1931, 31 tomos.
- Dames, Mansel Longworth (ed. e trad.) – *The Book of Duarte Barbosa...* Londres: Hakluyt Soc., 1918-1921, 2 tomos.
- Documentação Ultramarina Portuguesa* – Lisboa, 1960-1965, 4 tomos.
- Farrington, Anthony (ed.) – *The English Factory in Japan, 1613-1623*. Londres: The British Library, 1991, 2 tomos.
- Fróis, Luís – cf. Schurhammer.
- Generale Missiven van Gouverneurs-Generaal en Raden an Heeren XVII der Verenigde Oostindische Compagnie*, ed. pelo W. Ph. Coolhaas. Haia: Nijhoff, 1960-1985, 8 tomos.
- Giraud, Yves – *Voyages et aventures du capitaine Ripon aux Grandes Indes, journal inédit d'un mercenaire (1617-1627), postface de Gérard A. Jaeger*. Thonon-les-Bains: L'Albaron, Société Présence du Livre, 1990.
- Godinho de Eredia, Emanuel – cf. Mills.
- Gonzalez de Mendoza, Juan – *The Historie of the Great and Mightie Kingdome of China, and the Situation thereof: Together with the Great Riches, huge Cities, politikeo Government, and rare Inventions in the same* (trad. R. Parke). Amsterdão, Nova Iorque: Theatrum Orbis Terrarum e Da Capo Pr., 1973 [reed. da ed. do Londres de 1588].
- Hakluyt, Richard (ed.) – *The Principal Navigations, Voyages, Traffiques & Discoveries of the English Nation, Made by Sea or Over-Land to the Remote and Farthest Distant Quarters...* Glasgow: James MacLehose and Sons, 1903-1905, 12 tomos.
- Hirth, Friedrich e W. W. Rockhill (trad.) – *Chau Ju-Kua: His Work on the Chinese and Arab Trade in the Twelfth and Thirteenth Centuries, entitled Chu-fan-chi*. Reed. Taipé: Ch'eng-wen Publishing, 1970.
- Kobata, Atsushi e Mitsugu, Matsuda – *Ryukyuan Relations with Korea and South China Sea Countries. An Annotated Translation of Documents in the Rekidai Hōan*. Kyoto, 1969.
- Lewin, Bruno (trad.), Hauptmann, Andreas (ed.) – *Kodo-zuroku, "Illustrierte Abhandlung über die Verhüttung des Kupfers" 1801*. Bochum: Deutsches Bergbau-Museum, 1984.
- Loureiro, Rui Manuel – *O manuscrito de Lisboa da "Suma Oriental" de Tomé Pires (Contribuição para uma edição crítica)*. Macau: Instituto Português do Oriente, 1996.
- Ma Huan – cf. Mills.
- Mills, J. V. (trad.) – "Eredia's Description of Malacca, Meridional India and Cathay", *Journal of the Malayan Branch of the Royal Asiatic Society* 8.1 (1930), pp. 1-288.
- Mills, J. V. G. (trad.) – *Ma Huan: Ying-yai Sheng-lan. 'The Overall Survey of the Ocean's Shores' [1433]*. Cambridge: Univ. Pr., 1970.
- Ming shilu* 明实录, ed. pelo Zhongyang yanjiuyuan lishi yuyan yanjiusuo. Nangang, 1966, 133 tomos.
- Morse, Hosea Ballou – *The Chronicles of the East India Company trading to China, 1635-1834*. Oxford: Clarendon Pr., 1926, 4 tomos.
- Netolitzky, Almut – *Das Ling-wai tai-ta von Chou Ch'ü-fei. Eine Landeskunde Südchinas aus dem 12. Jahrhundert*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1977.
- Nihon kankei kaigai shiryō. Oranda shōkanchō nikki (geibun)*, ed. por Tokyo Daigaku Shiryō Hensanj. Tokyo, 1974-1977. 9 vols.
- Orta, Garcia da – *Colóquios dos simples e drogas da Índia*. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1987, 2 tomos. [Reed. da ed. de 1895, ed. pelo Conde de Ficalho.]
- Pinto, Fernão Mendes – *Peregrinação*. Lisboa: Na Typographia Rollandiana, 1829, 4 tomos. [Baseado na ed. de 1614.]
- Pires, Tomé – cf. Cortesão; Loureiro.
- Qinding Gujin tushu jicheng* 钦定古今图书集成禽虫典, ed. por Chen Menglei et al. Taipé: Wenxing shudian, 1964, 100 tomos.
- Qu Dajun 屈大均 – *Guangdong xinyu* 广东新语. Hong Kong: Zhonghua shuju, 1975.
- Sá, Artur Basílio de (ed.) – *Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente: Insulíndia*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, Divisão de Publicações e Biblioteca, 1954-1958, 5 tomos.
- Saris, John – cf. Satow.
- Satow, Ernest M. (ed.) – *The Voyage of Captain John Saris to Japan, 1613*. Londres: Hakluyt Soc., 1900.
- Schurhammer, Georg, e Voretzsch, E. A. (trad.) – *Die Geschichte Japans (1549-1578) von Luis Fróis, S. J. Nach der Handschrift der Ajudabibliothek in Lissabon*. Leipzig: Verlag der Asia Major, 1926.
- Shizhen, Li – *Bencao gangmu*. Beijing: Renmin Weisheng Chubanshe, 1976, 4 tomos.
- Shuiginkei yakubutsu seihoshō* 水银系药物制法书. Tokyo, 1980 [Edo kakaku kotenshō, t. 25].
- Smith, Ronald Bishop – *The First Age of the Portuguese Embassies, Navigations and Peregrinations to the Kingdoms and Islands of Southeast Asia (1509-1521)*. Bethesda: Decatur Pr., 1968.
- Teixeira, Manuel – *Macau Através dos Séculos*. Macau: Imprensa Nacional, 1977.
- Thompson, Edward M. (ed.) – *Diary of Richard Cocks, Cape-Merchant in the English Factory in Japan, 1615-1622, with Correspondence*. Londres: Hakluyt Soc., 1833, 2 tomos.
- Wade, Geoffrey P. – *The Ming Shi-lu (Veritable Records of the Ming Dynasty) as a Source for Southeast Asian History: Fourteenth to Seventeenth Centuries*. Hong Kong: University of Hong Kong, 1994, 7 tomos. [Tese de doutoramento não publicada.]
- Zhao Rugua – cf. Hirth e Rockhill.
- Zhou Qufei – cf. Netolitzky.

II. OUTRAS OBRAS

- Andrade, António Alberto de – "Drogas do Oriente (no V centenário do nascimento de Vasco da Gama)", *Arquivos do Centro Cultural Português* 3 (1971), pp. 112-188.
- Boxer, Charles R. – "Portuguese Commercial Voyages to Japan three hundred years ago (1630-1639)", *The Transactions and Proceedings of the Japan Society of London* 31 (1934), pp. 27-78.
- Boxer, Charles R. – "The Affair of the 'Madre de Deus' (A Chapter in the History of the Portuguese in Japan)", *The Transactions and Proceedings of the Japan Society of London* 26 (1929), pp. 3-90.
- Boxer, Charles R. – *Fidalgos in the Far East, 1550-1770*. Reed. Hong Kong: Oxford Univ. Pr., 1968.
- Boxer, Charles R. – *The Christian Century in Japan, 1549-1650*. Reed. Berkeley: Univ. of California Pr., 1967.
- Boxer, Charles R. – *The Great Ship from Amacon: Annals of Macao and the Old Japan Trade, 1555-1640*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1959.
- Brown, Delmer M. – "The Importation of Gold into Japan by the Portuguese during the Sixteenth Century", *The Pacific Historical Review* 16.2 (1947), pp. 125-133.
- Chang T'ien-tse – *Sino-Portuguese Trade from 1514 to 1644. A Synthesis of Portuguese and Chinese Sources*. Reed. Leyden: E. J. Brill, 1969.
- Chen Gao-hua e Wu Tai 陈高华, 吴泰 – *Song Yuan shiqi de haiwai maoyi* 宋元时期的海外贸易. Tianjin: Tianjin renmin chubanshe, 1981.

CULTURAL ENCOUNTER / Commercial Routes

- Dalgado, Sebastião Rodolfo – *Glossário luso-asiático (com uma introdução de Joseph M. Piel)*. Reed. Hamburgo: Helmut Buske Verlag, 1982, 2 tomos.
- Dermigny, Louis – *La Chine et l'Occident. Le commerce à Canton au XVIII^e siècle*. Paris: S. E. V. P. E. N., 1964, 3 tomos e álbum.
- Encyclopaedia Heibonsha*, t. 6. Tokyo, 1975.
- Fillastre, Adrien – “Bois d' aigle et bois d' aloès. Étude géographique”, *Revue Indo-Chinoise* 8.4 (Fevereiro 1905), pp. 248-262 [parte 1]; 8.5 (Março 1905), pp. 311-325 [parte 2].
- Godinho, Vitorino Magalhães – *Os descobrimentos e a economia mundial*. Reed. Lisboa: Editorial Presença, 1982-1984, 4 tomos.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1960, 40 tomos.
- Groslier, Bernard P. – *Angkor et le Cambodge au XVI^e siècle d' après les sources portugaises et espagnoles* (em colaboração com C. R. Boxer). Paris: Presses Universitaires de France, 1958.
- Hall, John – “Notes on the Early Ch'ing Copper Trade with Japan”, *Harvard Journal of Asiatic Studies* 12 (1949), pp. 444-461.
- Hall, John Whitney (ed.) – *The Cambridge History of Japan*, t. 4: *Early Modern Japan*. Cambridge: Cambridge Univ. Pr., 1991. [Não citado.]
- Hayashiya Tatsusaburo et al. (ed.) – *Kinsei fuzoku zufu*, t. 13: *Namban*. Tokyo, 1982.
- Huang Qichen e Deng Kaisong – “Ming Jiajing Chongzhen nian jian Aomen duiwai maoyi de fazhan” 明嘉靖崇祯年间澳门对外贸易的发展, em *Ming Qing Guangdong shehui jingji yanjiu*, hg. v. Ming Qing...yanjiuhui. Guangzhou: Guangdong renmin chubanshe, 1987. pp. 280-299.
- Innes, Robert Leroy – *The Door Ajar: Japan's Foreign Trade in the Seventeenth Century*. University of Michigan, 1980. [Tese de doutoramento não publicada.]
- Iwao Seiichi 岩生成一 – “Kinsei Nisshi boeki ni kansaru suroteki kosatsu”, *Shigaku zasshi* 62.11 (1953), pp. 981-1020.
- Iwao Seiichi 岩生成一 – *Nanyo Nihon-machi no kenkyū* 南洋日本町研究. Tokyo, 1944.
- Iwao Seiichi 岩生成一 – *Shuin sen boekishi no kenkyū*. Tokyo, 1958.
- Jansen, Marius B. – *China in the Tokugawa World*. Cambridge, Mass: Harvard Univ. Pr., 1992. [Não citado.]
- Kato Eiichi – “The Japanese-Dutch Trade in the Formative Period of the Seclusion Policy, Particularly of the Raw Silk Trade by the Dutch Factory at Hirado, 1620-1640”, *Acta Asiatica* 30 (1976), pp. 34-84.
- Kobata Atsushi 小叶田淳 – *Kōzan no rekishi* 钵山历史. Tokyo, 1966.
- Kobata Atsushi 小叶田淳 – *Shisetsu Nihon to Minami-Shina* 史说日本之南支那, Taipé, 1942.
- Kokushi daijiten* 国史大辞典, ed. de Kokushi...henshu iinkai, T. 8. Tokyo, 1987.
- Lin Renchuan [林仁川] – *Ming mo Qing chu siren haishang maoyi* 明清私人海上贸易. Shanghai: Huadong shifan daxue, 1987.
- Ljungstedt, Anders – *An Historical Sketch of the Portuguese Settlements in China and of the Roman Catholic Church and Mission in China*. Reed. Hong Kong: Viking Hong Kong Publ., 1992.
- Manguin, Pierre-Yves – *Les Portugais sur les côtes du Viêt-Nam et du Campa. Étude sur les routes maritimes et les relations commerciales, d'après les sources portugaises (XVI^e, XVII^e, XVIII^e siècles)*. Paris: École Française d' Extrême-Orient, 1972.
- Mathew, K. S. – *Portuguese Trade with India in the Sixteenth Century*. Nova Dehli: Manohar Publications, 1983.
- Matsuda Kiichiç 松田毅一 – *Kinsei shoki Nihon kankei Nanban shiryō no kenkyū* 近世初期日本关系南蛮史料研究. Reed. Tokyo, 1981.
- Mo Rennan 莫仁南 – “Zhongguo yaowu xi zhuan kao” 中国药物西传考, *Haijiao shi yanjiu* 17 (1990), pp. 8-12.
- Moloughney, Brian, e Xia Weizhong – “Silver and the Fall of the Ming: A Reassessment”, *Papers on Far Eastern History* (Setembro 1989), pp.51-78.
- Mueller, Gerhard – *Wohlwollen und Vertrauen. Die Investiturgesandtschaft von Chen Kan im Jahr 1534...* Heidelberg: Edition Forum, 1991.
- Needham, Joseph et al. – *Science and Civilisation in China*. Cambridge: Univ. Pr. 1954.
- Okamoto Yoshitomo – *Jūroko-seiki – Nichi-O kotsu-shi no kenkyū* 岡本郎知：十六世紀日緬交通研究. Reed. Tokyo, 1974.
- Péri, N. – “Essai sur les relations du Japon et de l' Indochine”, *Bulletin de l' École Française d' Extrême-Orient* 23 (1923), pp. 1-136.
- Pires, Benjamin Videira – “A viagem de comércio Macau-Manila nos séculos XVI a XIX”, *Boletim do Instituto Luís de Camões* 5.1-2 (1971), pp. 5-120.
- Quan Hansheng: “Mingdai zhongyehou Aomen de haiwai maoyi”, *The Journal of the Institute of Chinese Studies of the Chinese University of Hong Kong* 5.1 (1972), pp. 245-272.
- Schurhammer, Georg – “O descobrimento do Japão pelos Portugueses no ano de 1543”, *Anais da Academia Portuguesa da História* 2.1 (1946), pp. 17-172.
- Souza, George B. – “Ballast Goods: Chinese Maritime Trade in Zinc and Sugar in the Seventeenth and Eighteenth Centuries”, in: Roderich Ptak e Dietmar Rothermund (ed.), *Emporia, Commodities and Entrepreneurs in Asian Maritime Trade, c. 1400-1750* (Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1991), pp. 291-315.
- Souza, George B. – “Portuguese Society in Macao and Luso-Vietnamese Relations, 1511-1751”, *Boletim do Instituto Luís de Camões* 15.1-2 (1981), pp. 68-114.
- Souza, George B. – *The Survival of Empire. Portuguese Trade and Society in China and the South China Sea, 1630-1754*, Cambridge: Cambridge Univ. Pr., 1986.
- Teixeira, Manuel – *Macao e a sua diocese*, t. 15: *Relações comerciais de Macau com o Vietnam*. Macau: Imprensa Nacional, 1977.
- Teixeira, Manuel – *Macao no século XVI*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Cultura, 1981.
- Thomaz, Luís Filipe F. R. – “Especiarias do velho e do novo mundo (notas histórico-filológicas)”, separata de *Arquivos de Centro Cultural Calouste Gulbenkian* 34 (Mélanges offerts à Frédéric Mauro) (1995), pp. 219-345.
- Thomaz, Luís Filipe F. R. – *De Ceuta a Timor*. Carnaxide: DIFEL, Difusão Editorial, S.A., 1994.
- Vogel, Hans Ulrich – “The Transfer of Mining and Smelting Technology between Asia and Europe in the Sixteenth to Early Nineteenth Centuries”, *Journal of the Japan-Netherlands Institute* 3 (1991), pp.74-101.
- Wheatley, Paul – “Geographical Notes on some Commodities involved in Sung Maritime Trade”, *Journal of the Malayan Branch of the Royal Asiatic Society* 32.2 (1959), pp. 1-140.
- Xia Xiangrong, Li Zhongjun e Wang Genyuan – *Zhongguo gudai kuangye fazhan shi*, Beijing: Dizhi chubanshe, 1980.
- Yamada Kentaro – *Tozai koyaku shi*. Reed. Tokyo, 1964.
- Yamashiro, José – *Okinawa, uma ponte para o mundo*, São Paulo: Cultura Editores Associados, 1993.
- Yoneo, Ishii – “Seventeenth Century Japanese Documents about Siam”, *The Journal of the Siam Society* 59.2 (1971), pp. 161-174.
- Zusetsu Nihon bunka no rekishi*, t. 7: *Azuchi Momoyama*. Tokyo, 1980.